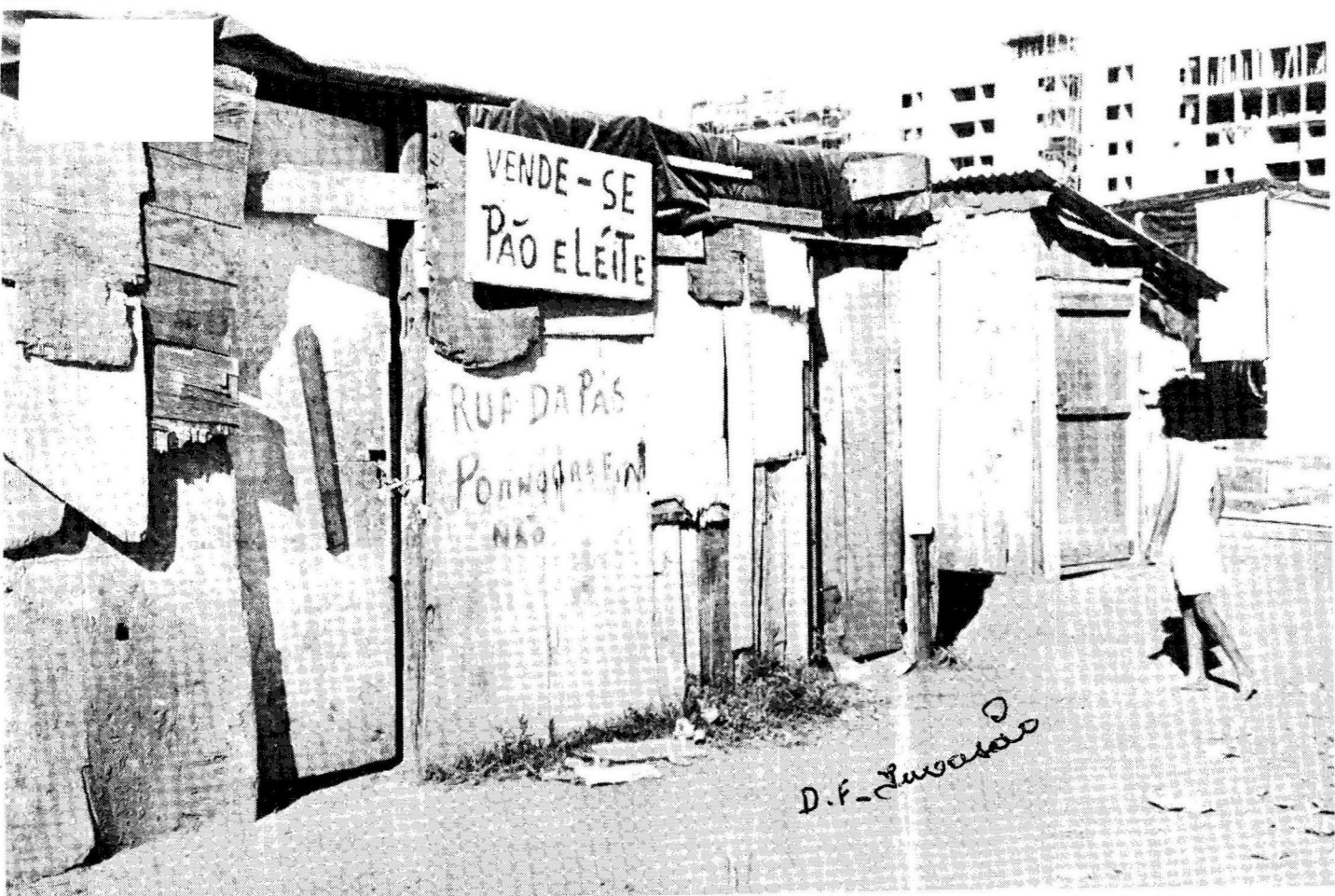


13111 MUNHOZ



Os moradores da invasão já começavam a se prevenir para o futuro com a instalação de algumas birascas

Desorganização marca despejo na 110 Norte

Caos, inércia e tensões foram a tônica dos trabalhos de remoção da favela da 110 Norte na manhã de ontem. Com a ausência do secretário Adolfo Lopes, — que esteve em Brasília verificando os lotes oferecidos por um empresário —, os funcionários da Secretaria de Serviços Sociais não souberam orientar-se. Não houve mudanças de pessoas ou derrubada de barracos. A procura pelo cadastramento para viagens ou remoção para outros locais foi mínima. Os encarregados não sabiam ao certo o número de pessoas atendidas.

A queda na procura pelo cadastramento pode ser atribuída à expectativa dos favelados em receber lotes no DF, conforme querem, por acharem que em Brasília ficarão entregues à própria sorte. Alegam os favelados que a cidade não tem infra-estrutura montada e que uma vez "depósitos no cerrado, as autoridades do GDF não olharão mais por eles, sendo a responsabilidade passada para o Governo de Goiás. A ideia de morar em Brasília também não tem muita receptividade. O motivo para a recusa é o mesmo: ausência de infra-estrutura e passagens caras.

ESPERA

Enquanto o Secretário de Serviços Sociais visitava a área de Brasília, seus funcionários encarregados de promover a remoção, trabalhando junto às famílias para encaminhar o problema de cada um, permaneciam agrupados na entrada da favela. As indagações dos favelados sobre as chances de serem removidos eram respondidas com evasivas.

Nos grupos formados na entrada da favela, os moradores discutiam as opções que lhes estão sendo oferecidas. A opinião geral é de que nenhum dos dois locais lhes interessa. A vontade unânime é de só deixar a invasão se puderem ter moradia próxima aos locais de trabalho. A maioria dos que têm emprego está faltando ao serviço. Segun-

do dizem "têm de garantir os barracos, pois do contrário a Terracap chega e derruba os que estiverem vazios. Na calçada oposta ao local de reunião dos favelados, caminhões da Terracap e do DER aguardavam chamadas para remoções. Nenhum deles foi acionado.

Os favelados se queixam de estar sendo criado clima de terror com a presença constante de caminhões e viaturas policiais. As crianças seguem eles, estão em estado de tensão, com muitas se recusando a ir para a escola ou mesmo comer. Comentava-se que há meses a quadra vizinha à favela, coberta por um matagal, não tinha o capim cortado. Deste anteontem "um pelotão de tratores" faz a limpeza, ficando estacionados durante a noite e nas horas de refeições dos tratoristas, na beira da favela como "se estivessem em posição de combate para invadi-la e arrasá-la".

Outra queixa dos favelados é por não ter sido feito nenhum levantamento prévio. Reconhecem haver entre eles os que vivem da "indústria da invasão", citando como exemplo Gerolinda Pereira de Castro, moradora na favela da Ceub, com quatro barracos na 110. Dois deles são ocupados por seus filhos Edilson, deficiente físico e bêbado", e Neila. Acha, contudo, que o Governo tem meios de identificar os aproveitadores, sem fazer com que "o inocente pague pelo pecador. Ninguém está deixando seu barraco vazio para evitar que se repitam casos como o de um morador que foi atropelado, teve de se internar num hospital e quando voltou à favela encontrou seus pertences na rua, com a vizinhança disputando as peças, uns tentando guardarem para o dono, outros com intuito de apropriar-se do material. Segundo a vice-presidente da Associação de Moradores, Maria da Cruz Rodrigues Santos, foi a Terracap quem derrubou o barraco. A associação, contudo, não sabe nem o nome do morador, conhecido somente como Sampaio.

ADAUTO CRUZ



Em Brasília, o asfalto ainda é coisa rara

Tratores desmatam lotes

Hoje, quando a comissão de moradores da invasão da 110 Norte for a Brasília conhecer o terreno onde estão os lotes a eles oferecidos pela Fundação Maria do Barro, em convênio com o GDF, vão encontrar tratores fazendo o desmatamento dos quase quatro mil metros quadrados e vários caminhões removendo os entulhos. O trabalho de limpeza da área foi iniciado ontem à tarde e deve demorar mais dois dias.

A comissão estará acompanhada do Secretário de Serviços Sociais do GDF, Adolfo Lopes, que além de mostrar os lotes de cerca de 360m², cada um, para os futuros 100 moradores que aceitarem a remoção, vai anunciar mais uma vez aos favelados que o GDF se encarregará de toda a infra-estrutura do local. Em caráter imediato, o GDF vai providenciar o abastecimento de energia elétrica, água e transporte até o terreno, que fica a cerca de 600 metros da última quadra da cidade (onde já há iluminação) e a dois quilômetros da rodoviária de Brasília.

Além do problema da remoção da favela, Maria da Cruz enfrenta o de uma criança de um ano, deixada aos cuidados de Isabel Maria Vieira da Silva, em virtude da mãe Maria do Socorro Pereira da Silva ter-se internado às pressas no HBB. Isabel tem viagem marcada para hoje. Ela e o marido José Luiz estão de volta para o Piauí. A criança, provisoriamente, ficará com Maria da Cruz. Ela está preocupada com a responsabilidade, principalmente depois de descobrir um ninho de escorpiões nos fundos de seu barraco. Matou um deles, guardando o animal num frasco com álcool.

ESTUDO

Maria da Cruz diz que a associação está "perdida" em termos do número de famílias que deixaram ou pretendem deixar a favela. A equipe da Secretaria de Serviços Sociais não lhe permite acesso às folhas de cadastramento. O que ela faz é procurar manter "o grupo unido", dizendo que a associação só se pronunciará depois que forem feitas visitas aos locais oferecidos. Uma comitiva irá hoje à Brasília, esperando a marcação de data para ir a Brasília. Pelo que se sabe, ambos os locais oferecidos são "cerrado brabo". Para ela, o que o Governo está querendo é "jogar os favelados num canto qualquer para que não tenham condições de voltar ao Plano Piloto".

O trabalho da associação está impedindo que muitos dos favelados dispostos a deixar a invasão recuem de suas decisões. Luzinete Souza Barbosa, irmã de Cruz, que teve seu barraco montado pelo patrão, promotor público Francisco Caubi, está de viagem marcada para Santa Maria da Vitória, na Bahia. Foi abandonada pelo marido Severino Francisco da Silva com os quatro filhos do casal. Diante das promessas de Maria da Cruz de que "vai lutar até conseguir um lugar que interesse", Luzinete está em dúvidas sobre se volta ou não para a Bahia.

Como é hoje Brasília

Com a incorporação de Planaltina ao Distrito Federal, Brasília passou a sentir os efeitos negativos da mudança, pois até então vivia escorada naquela cidade, apesar dos quase 20 quilômetros que as separam. Enquanto Planaltina desfruta dos serviços de saúde, educação, transporte, energia, telefonia, água e outros também essenciais provenientes do Distrito Federal, Brasília depende de recursos do Estado de Goiás e está parada no tempo, apesar de abrigar cerca de 60 mil habitantes nas zonas urbana e rural.

O acesso à cidade é através de pista asfáltica, única no município e que termina em frente ao prédio da prefeitura. Os 3.762km² de área municipal são percorridos, 99 por cento, por estrada de chão batido. A situação incomoda os moradores, tanto que o prefeito Adhemar Borges informou que até o próximo ano o Governo do Estado de Goiás deverá executar o asfaltamento de 20 quilômetros de estradas na cidade, sendo 12 a partir da sede da prefeitura, ligando a GO 118 ao ponto turístico da Lagoa Formosa, e os outros nas principais avenidas.

A poeira nos dias secos e a lama quando chove são os maiores inimigos dos habitantes de Brasília e para amenizar o problema, eles espalharam quebra-molas por todas as ruas, obrigando os veículos a diminuir a velocidade e, assim, não levantar tanto o pó ou jogar lama nas pessoas que estejam caminhando próximo às avenidas, já que também não há calçadas para os pedestres.

SERVIÇOS

Na cidade há apenas um posto de saúde da Oseg (Organização de Saúde do Estado de Goiás), cujo atendimento ambulatorial é insuficiente para um terço da população. Há um hospital particular, com capacidade para 50 leitos, dos quais apenas 25 estão funcionando. Isto porque os proprietários ainda não conseguiram a resposta do Ministério da Previdência e Assistência Social para o aumento de quotas em convênio com o Inamps.

"Diante deste quadro, a única ambulância que serve a cidade é obrigada a fazer entre 15 a 20 viagens para o Distrito Federal, transportando doentes que precisam de atendimento urgente", acrescentou o prefeito.

Na área educacional, Brasília possui nove escolas estaduais e outras 35 municipais na zona rural, todas com cursos de 1º e 2º graus. Uma outra escola está em fase de construção, no setor Oeste da cidade. São atendidos cerca de 14 mil alunos. Próximo ao terreno que está sendo oferecido aos favelados do DF, há um colégio, mas segundo o prefeito Adhemar Borges, o acordo com o GDF prevê a construção de uma escola com duas salas de aula no loteamento.

Apenas uma empresa de transporte serve à Brasília: a Santo Antônio, com ônibus que fazem linha para Planaltina, Sobradinho e para o Plano Piloto e cujos preços das passagens estão fixados em Cz\$ 7,00, Cz\$ 9,00 e Cz\$ 15,00, respectivamente. Os ônibus saem da rodoviária da cidade de meia em meia hora e demoram até uma hora para fazer o percurso Brasília-Plano Piloto, pois são 60 quilômetros de distância.

De acordo com o prefeito, existe uma iniciativa de associações de moradores e da própria prefeitura no sentido de fazer gestões junto ao Departamento Nacional de Estradas de Rodagem para a colocação de coletivos na linha Plano Piloto-Brasília, o que minimizaria os preços das passagens e melhoraria o atendimento aos usuários, já que a maioria deles usa os ônibus diariamente para se deslocar para o trabalho.

Em termos de segurança, Brasília está completamente desprovida. Existem apenas 12 policiais militares de Goiás e uma viatura conseguida através do convênio GO-DF. No entanto, Adhemar Borges disse que a população é bastante tranquila e que os casos de violência são raros.

GDF combaterá aproveitadores

O GDF vai acionar um esquema de combate à chamada indústria de invasões. O anúncio foi feito ontem pelo governador José Aparecido, ao comentar a operação de remoção da favela da 110 Norte. Ele disse que a ocupação ilegal de áreas públicas vem sendo coordenada por um grupo reduzido de pessoas "que explora o problema dramático da moradia — que é universal".

De acordo com o governador, essas invasões são coordenadas por pessoas interessadas em obter lotes residenciais do GDF — que sempre resolveu a questão promovendo assentamentos. Aparecido disse que a operação incluirá a identificação fotográfica "desses exploradores da miséria humana".

Aparecido fundamentou suas observações, lembrando que somente na favela da 110 Norte já foram demolidos em apenas dois dias mais de 20 barracos desocupados, levantados apenas com fins especulativos: ou seriam alugados, ou ocupados na última hora caso o GDF resolvesse promover a retirada fazendo assentamento.

PATRULHA

O governador informou também que a patrulha volante, criada por decreto, vai entrar em operação já a partir da próxima semana. Segundo ele, a patrulha deverá detectar a formação de novas favelas e impedir sua expansão.

Ele anunciou também que pretende desenvolver, junto com os Governos de Goiás e Minas Gerais, programas de ações integradas para a região do Entorno, de forma a conter o fluxo migratório para o DF.